

# Notas sobre como o *tais* está se transformando em um produto comercial<sup>1</sup>

Andreza Carvalho Ferreira (PPGAS/UnB)

Ou uma carta<sup>2</sup> para Susana.

Prezada Susana, encontramos-nos no congresso da Associação Portuguesa de Antropologia em 2016, durante o painel Futuros da memória, disputas do património: inteligibilidades e construção de identidades no Sudeste Asiático. Escrevo, pois não tivemos oportunidade de conversar fora do tempo das apresentações.

As questões que você colocou sobre o trabalho que apresentei ainda estão reverberando em minha memória e sinto que naqueles cinco minutos de réplica não consegui realizar uma exposição minuciosa ao rico problema que você apresentou a partir da sua experiência em Timor-Leste.

Dissestes que estiveras em Lautém, distrito localizado na ponta oriental da Ilha de Timor-Leste e que durante o período que estavas em campo quase não compraras nenhum *tais*<sup>3</sup>, pois os *tais* em Timor eram muito caros. Que o grupo que acompanhastes vendia um *tais* por aproximadamente 800 dólares, mas lhe ofereceram um a 200 dólares, por isto conseguiste comprar.

Até então, eu já estava achando a sua breve contextualização muito interessante e quando tu disseras algo como: “o *tais* nunca será um produto comercial, por causa das trocas”, esta frase soou muito curiosa para mim, pois o trabalho que apresentei não tratava deste assunto, mas eu possuía dados que dialogavam exatamente com a transformação do *tais* em mercadoria.

---

1 44º Encontro Anual da ANPOCS - GT40 - Sociedade e Vida Econômica

2 Esse texto tem seu formato inspirado no livro de Diniz (2012) carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa. “Esta carta é uma combinação de experiência pessoal com observação etnográfica (...)” (DINIZ,2012:16), qual escrevo para a antropóloga portuguesa Susana de Matos Viegas, para contar um pouco mais sobre o meu campo de pesquisa.

3 O *tais* é um tecido reconhecido como tradicional em Timor-Leste, muito importante para a sociabilidade timorense. A circulação e a produção do *tais* estão e estavam intrinsecamente vinculados à criação, manutenção e estabelecimento de relações figurando entre dádivas.

Por isto escrevo, pois queria ter tido tempo suficiente para lhe apresentar minimamente Ofélia, minha principal interlocutora durante o tempo que estive em Díli, capital de Timor-Leste. Contudo, farei isto no tópico 2, enquanto no tópico 1 lhe relatarei brevemente algumas mudanças que acompanhei na circulação do *tais*. No tópico 3, escreverei sobre como Ofélia estava engajada para transformar o *tais* em um produto comercial, e por fim trarei algumas considerações finais.

### **1. O *tais* nas trocas.**

Acredito que quando tu dizias que o *tais* não seria um produto comercial por causa das trocas, estavas a referir-se à circulação do *tais* dentro do regime de dádiva. Neste sentido gostaria de ter perguntado se tu acompanhastes alguma troca cerimonial.

Pois quando cheguei a Díli em setembro de 2014, deparei-me com um cenário bem diferente dos que estavam nos textos que tive acesso sobre o tecido. Na metáfora reconheço que o *tais* circulava e ainda circula como dádiva em trocas importantes na vida das lestemorenses, como em trocas matrimoniais e ritos fúnebres. Contudo, não tive a oportunidade de acompanhar nenhum evento desta natureza.

Barrkman (2014) narrou que em Covalima, outro distrito de Timor, três *tais* masculinos são a base do *barlake*, o conjunto de trocas matrimoniais. Como parte do ritual de casamento; 20 ou mais *tais* são doados para a família do noivo que, em retribuição, presenteia a família da noiva com dinheiro, búfalo e outros objetos de prestígio.

É interessante lembrar que o regime de dádiva pode ser entendido como um regime de troca de presentes. Mauss (2003) observou as relações mediadas pela dádiva em três obrigações: dar, receber e retribuir. Assim, um *barlake* deve ser um evento de longa duração. Afinal Bourdieu (1996) assinala grande importância do tempo entre as trocas em relações de dádiva.

Em sua produção para o regime de dádiva, o *tais* é um tecido sagrado. Schouten (2011) observou que a tecelagem é considerada uma atividade perigosa pelas tecedeiras, enquanto Barrkman (2013) relatou que este perigo poderia se estender também para a aldeia em alguns grupos. Os perigos para a tecedeira estariam relacionados a enfermidades, enquanto para a aldeia estariam relacionados a terremotos, raios...

Porém, não pude acompanhar a produção do *tais* dentro do regime de dádiva. Ao contrário, acompanhei um pouco da sua produção para o regime de mercado, situação que

parece secularizar sua materialidade, influenciando mudanças de intencionalidade da tecedeira.

Percebo que o *tais* tinha diversas vidas sociais entre os regimes de troca e lhe escrevo para falar sobre isso. Silva descreve e analisa os regimes de troca (como dádiva e mercado) como categorias analíticas construídas para “(...) dar sentido às diversas regras, expectativas e efeitos por meio dos quais pessoas e coletivos sociais transacionam bens, direitos sobre pessoas ou sinais de reconhecimento” (2016:131).

Objetos podem circular em mais de um regime de troca durante sua vida social (SILVA, 2016: 131) (APPADURAI, 2008: 16). O *tais* é um objeto que tem notável mobilidade entre regimes de troca. Sua biografia (KOPYTOFF, 2008) mais conhecida está relacionada à dádiva, porém, já é possível identificar uma outra, voltada para o mercado.

Creio que se eu não tivesse conhecido Ofélia não teria muito a dizer sobre este tecido. Mas suponho que saibas que o *tais* é produzido manualmente com auxílio de um tear de cintura, feito com linhas de algodão bem finas; costuma ter desenhos e cores distintas em cada região de Timor.

O *tais* é confeccionado apenas por mulheres e suas técnicas de tecelagem são completamente interditas para homens. Alguns mitos de origem indicam que a filha mais velha seria a única mulher de sua geração a aprender a tecer (BARBOSA, 2014). Todavia, se apenas a filha mais velha tece, para se aprender a tecer o *tais* seria necessário ser a filha mais velha de uma filha mais velha de uma filha mais velha.

Ofélia não tecia; contudo, apreendeu bastante sobre a tecelagem observando sua avó. Ofélia possuía apenas conhecimento teórico sobre tecelagem, mas todo seu saber sobre o *tais* foi vital para que ela fosse uma mediadora dos processos de transformação do *tais* que relatarei mais adiante.

Ofélia contou-me que até 1975 o *tais* circulava quase que exclusivamente entre rituais. Ou seja, pelo regime de dádiva. Segundo Ofélia, antes de 1975, apenas um grupo (doméstico) vendia o *tais* e por isto era mal visto pelos outros grupos (etnolinguísticos). Neste contexto, a datação para mudanças na circulação do *tais* não é arbitrária, pois em 1975 o território de Timor-Leste foi ocupado pela Indonésia.

Neste sentido, anos depois, em 2002, com a restauração da independência em Timor-Leste parte da produção de *tais* voltou-se para venda e para o consumo estrangeiro. O *tais*

ganhou novos sentidos, nova produção, circulação e consumo; além de novas atrizes sociais e organizações envolvidas com seu processo econômico. Por isto quero tanto lhe falar sobre Ofélia.

## 2. Ofélia

Ofélia cresceu no Timor Português e fugiu do país durante o período de Ocupação Indonésia. Enquanto refugiada, Ofélia ficou dois anos em Portugal e depois viveu vinte e um anos em solo australiano. Quando ocorreu a desocupação, Ofélia retornou, segundo ela, principalmente, para ajudar suas conterrâneas.

Em 2006, uma ONG (organização não governamental) denominada Alola convidou Ofélia para planejar a construção de um programa que visava promover o empoderamento financeiro de mulheres timorenses através do *tais*. A Alola é referência em Timor-Leste no atendimento de mulheres em diversas áreas, como em assistência jurídica e saúde materna.

Esta ONG almejava empoderar as mulheres timorenses através da compra *tais*. Contudo, coube a Ofélia viabilizar a compra de forma em que garantisse capital de giro, para realizar a própria compra do *tais*. Ofélia trouxe suas máquinas de costura para a ONG e criou uma confecção que transformava em bolsas os *tais* que eram comprados. Ademais, também criou uma loja para vender os produtos de *tais*, ao mesmo tempo que Ofélia teve que criar uma forma de comprar o *tais* das tecedeiras, assunto que abordarei no próximo tópico.

A trajetória de vida de Ofélia impactou em sua atuação profissional. Sua função na Alola antes de tudo era de realizar mediações. Ofélia pode ser retratada como uma mediadora, pelas vivências e circulação entre os regimes de governo que conheceu. As várias competências internalizadas por ela foram adquiridas de diversas maneiras dentro sua sociabilidade e socialização.

Quando criança no Timor Português Ofélia aprendeu detalhes da tecelagem do *tais* com sua avó e aprendeu a costurar com sua mãe, conhecimentos que foram importantes para que dialogasse com as tecedeiras sobre suas peças e para que desenhasse e crissasse produtos, como bolsas, para serem vendidos pela própria Alola.

Antes de sua diáspora, Ofélia trabalhava em uma “repartição”, com trabalho administrativo. Na Austrália, trabalhou em fábricas até montar seu ateliê de costura e viver do seu trabalho autônomo. Com estas experiências, Ofélia administrava a dinâmica de trabalho, gestão do dinheiro, entre outras atividades.

Além de todas as habilidades é possível evidenciar a mediação como uma atividade. Ofélia era uma mediadora sensível entre as demandas locais e globais que estavam e estão em ebulição em Timor-Leste. Ofélia tinha e acionava cotidianamente de forma bastante espontânea muitas expertises.

### 3. Daisy e o Búfalo

Quando Ofélia contava como idealizou o sistema de pesagem costumava contar uma rápida história, que uma senhora chamada Daisy<sup>4</sup> e seu grupo, ao comercializarem o *tais* para estrangeiras e estrangeiros<sup>5</sup> ofereciam uma peça por 700 dólares. Mas as estrangeiras não entendiam o preço e depois perguntavam para outras pessoas “por que estas senhoras estão querendo me vender esse pano por um preço tão caro?”

Ofélia explicou-me que um *tais mane* (*tais* masculino) era trocado por um búfalo dentro de rituais e que um búfalo valia mais ou menos 700 dólares. Daisy e as senhoras de seu grupo, ao darem um preço ao *tais*, pareciam convertê-lo diretamente. Pareciam equivaler o *tais* ao valor de outro bem trocado pelo *tais* dentro do regime de mercado.

Dentro do regime de dádiva existem equivalências aproximadas de objetos para orientar a troca. Para Graeber, “estabelece-se uma série de categorias de tipos de coisas. Porcos e calçados devem ser considerados objetos de equivalência aproximada: pode-se dar um em troca de outro” (2016:52). Por isto, a projeção do valor de um objeto para outro regime, orientada pela dádiva, é incompreensível para quem não compartilha das equivalências.

Talvez para Daisy e outras tecedeiras 700 ou 800 dólares não pareça caro por um *tais*, pois dentro do regime de dádiva o *tais* equivale a um búfalo. Entretanto, a dádiva é um regime que leva em consideração as relações das pessoas envolvidas na troca, enquanto o mercado é um regime no qual as relações não importam ou não existem necessariamente (SILVA, 2016). Os estrangeiros não compartilhavam nem das equivalências da dádiva, nem das premissas de consideração do regime.

Esta história lembra a sua? Eu suponho que sim, principalmente porque a senhora Daisy é exatamente do distrito de Lautém. Talvez os 800 dólares que lhe pediram por um *tais* sejam estimados pelo preço de um búfalo. O que achas?

---

4 Nome alterado para preservar a identidade da tecedeira.

5 A venda do *tais* era voltada principalmente para estrangeiros, pois as timorenses tinham acesso ao tecido pelo regime de dádiva.

Ao tentarem te vender um *tais* por um valor tão alto, como antropóloga tu percebestes que ali havia um produto impossível para o comércio. Todavia, quando Ofélia se deparou com a mesma situação, como uma mediadora, ela percebeu que deveria encontrar uma forma de comensurar o *tais* para o mercado. Cada uma fez o seu trabalho: tu analisastes e relatastes o fato e Ofélia idealizou o sistema de pesagem.

O sistema de pesagem constitui-se como o conjunto de procedimentos pelo qual se estabelece o valor de troca do *tais* para o regime de mercado. Este se constitui pela mensuração a partir de uma balança, onde o peso da peça e a sua qualidade são as variáveis indicadoras do volume de trabalho dispendido em suas respectivas confecções.

O sistema de pesagem é composto por algumas etapas e durante sua implantação, como forma de compra da Alola, Ofélia realizou *workshops* pelos distritos. Nestes *workshops* ela enfatizou para as tecedeiras que o *tais* para o comércio deveria ser diferente do *tais* para a dádiva, pois cada um é valorizado de um jeito diferente.

Nos *workshops*, Ofélia falava diretamente com as tecedeiras e procurava mostrar que as expectativas (das tecedeiras) para o comércio (regime de mercado) deveriam ser diferentes das expectativas para os usos e costumes (regime de dádiva). E que a confecção do *tais* deveria estar afinada com a circulação que a tecedeira quisesse dar ao tecido.

Para conversar com as tecedeiras, Ofélia usava um argumento que derivava justamente da história da Daisy e do Búfalo. Ofélia dizia que a Alola não tinha condições financeiras de comprar um *tais* por 700 dólares. Afinal, como a Alola compraria um *tais* por esse preço e depois o venderia? Um *tais* por 700 dólares era inviável para o comércio.

Ofélia dizia reconhecer que um *tais* para usos e costumes era mais rebuscado, pois a tecedeira investia mais dedicação sobre os desenhos do tecido. Porém, Ofélia enfatizava nesses *workshops* a necessidade de diferenciar a produção para cada regime. As tecedeiras não tiveram dificuldade para entender as diferenças. Mas, o grupo de Daisy apresentou resistência ao modelo de compra de Ofélia e era o único grupo que declaradamente não vendia *tais* para Alola.

#### **4. O Sistema de Pesagem**

Ofélia imaginou e criou o sistema de pesagem do *tais*. Para isto, pensou em diversas formas de calcular um valor para o tecido. Ao tentar estimar o *tais*, ela percebeu, por exemplo,

que medir não era justo, pois um *tais* grande poderia não ser tão bem feito quanto um *tais* pequeno.

Diante de várias maneiras que pareciam insuficientes para valorar o *tais*, Ofélia teve a ideia de pesar as linhas necessárias para fazer um *tais* e depois pesá-lo pronto. Ao comparar o peso das linhas para fazer o *tais*, com o peso do *tais* pronto, Ofélia percebeu que diferença do peso das linhas para o peso *tais* finalizado era desprezível. Assim, nasceu o sistema de pesagem.

Ofélia vinculou um preço ao *tais* neste sistema de forma que as tecedeiras não perdessem dinheiro de material. O preço pago pela Alola por quilo de *tais* embutia o valor do quilo de linha e o valor do trabalho da tecedeira, valoração estipulada pela Alola. Ofélia não achava que o sistema de pesagem era perfeito e tinha o desejo que alguém pensasse em uma forma mais satisfatória.

Talvez a insatisfação de Ofélia dissesse respeito à incapacidade de se mensurar completamente o trabalho da tecedeira, pois o *tais* era apenas uma fração de toda a intensa vida doméstica da tecedeira. O trabalho empregado ao *tais* não se resumia a um tecido finalizado.

Mas este não seria um problema com o sistema criado por Ofélia, e sim um obstáculo do regime de mercado, que comensura mercadorias tendo em vista um tempo de trabalho (MARX, 1983) que é masculino. Haraway ressaltou a impotência do marxismo humanista “(...) para historizar qualquer coisa que as mulheres fizessem que não fosse por salário” (1995: 14), mas isso é assunto para outra carta.

Apesar de não ser perfeito, o sistema de pesagem parece fundamental para a passagem do *tais* do regime de dádiva para o regime de mercado. De alguma forma, o sistema de pesagem tem um caráter ou efeito pedagógico, figurando como uma pedagogia econômica (SILVA, 2016).

## **5. Considerações Finais**

A partir do sistema de pesagem, a Alola comprava *tais* de diversos grupos em Timor-Leste. Com estes *tais* comprados, eram produzidas diversas bolsas e outros acessórios que já preenchiam duas lojas da ONG em Díli em 2014. O projeto de Ofélia era autossuficiente economicamente e além de empoderar as tecedeiras empregava costureiras e outras mulheres.

Ofélia transformou o *tais* em um produto comercial! Os produtos produzidos pela Alola também eram vendidos em outras lojas em Díli e a ONG também recebia encomendas de produtos para serem vendidos na Austrália. Em mais ou menos oito anos Ofélia tinha idealizado, executado e estava com o projeto de *tais* comercial em fase de expansão.

Uma iniciativa de comercializar o *tais* deu certo. Entretanto, é necessário pontuar que obter o preço do *tais* pela equivalência a um búfalo ou pela equivalência a um peso são apenas formas diferentes de se comensurar o *tais*. Nada tem valor em si. O valor sempre é fruto de uma construção social. Porém, há diversas formas de se valorar um objeto, assim como sua confecção.

Será que conhecestes a senhora Daisy? Fiquei a pensar em como não apenas a região ou contexto, mas a interlocução em campo nos permitiu vislumbrar e perceber relações e situações distintas. Creio que nossas visões variadas de um mesmo objeto estão ligadas as experiências que vivemos e principalmente as interlocutoras que tivemos.

Despeço-me com a recordação de um trecho no qual Strathern apontou que: “tanto os que se julgam exemplos do novo como os que se julgam exemplos do velho podem ser agentes radicais da mudança, pelo próprio fato de perseguirem essa distinção” (1998:109). Talvez este seja o embate de mediação e resistência entre Ofélia e Daisy.

Enfim, escrevo principalmente para agradecer os seus comentários! Pois, sua fala mostrou-me como a passagem do *tais* de um regime para outro está sendo gradual e ainda está ocorrendo de forma heterogênea pelo território, ao mesmo tempo que talvez não se realize por completo em Timor-Leste. Peço desculpas caso eu tenha interpretado errado o que dissestes. Obrigada pela atenção. Cordialmente, eu.

## **Referências Bibliográficas**

APPADURAI, Arjun, 2008. A vida social das coisas. In: APPADURAI, Arjun, A vida social das coisas. Niterói: Eduff, 2008.

BARBOSA, Vítor José da Costa. 2014. Relatos Fundacionais do Imaginário Timorenses. Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em estudos portugueses multidisciplinares. Universidade Aberta. 2014



BARRKMAN, Joana. 2013. Reaffirming the Kemak Culture of Marobo Then and Now. Díli, Timor Aid 2013.

BOURDIEU, Pierre. 1996. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. *Mana* vol.2, n.2. Pp. 7 -20.

DINIZ, Debora. 2012. Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa. Brasília: Letras Livres, 2012.

GRAEBER, David. 2016. Dívida: os primeiros 5000 anos. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

HARAWAY, Donna. 1995. Saberes localizados a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5) 1995: pp. 07 – 41.

KOPYTOFF, Igor. 2008. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun, *A vida social das coisas*. Niterói: Eduff, 2008.

MARX, Karl,. 1983. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SILVA, Kelly. 2016. Administrando pessoas, recursos e rituais. *Pedagogia econômica como tática de governo em Timor-Leste*. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre , v. 22,n. 45,p. 127-153, jun. 2016.

STRATHERN, Marilyn. 1998. Novas formas econômicas: um relato das terras altas da Papua-Nova Guiné. *Mana*. 1998, vol.4, n.1. pp. 109-139 .

SCHOUTEN, Maria Johanna. 2011. Tecedeiras e guerreiros: O estatuto da mulher no Sueste Asiático e a perícia artesanal no fabrico de têxteis Uma tradição em desaparecimento. *I ICT | bHL | blogue de História Lusófona | Ano VI | Agosto 2011*